

E ASSIM O MÉXICO SE SALVOU

O segredo: pedir, a tempo, dinheiro suficiente para fechar as contas deste ano.

Em agosto do ano passado o México parou de pagar as suas dívidas para com a comunidade internacional, declarando-se insolvente, na ocasião, e definindo o prazo de um ano para completar a reestruturação de sua dívida externa de 80 bilhões de dólares.

A partir daquela decisão, enquanto o Brasil continuava insistindo em manter em dia seus pagamentos, o México pedia e conseguia recursos suficientes para cobrir suas necessidades, desde agosto do ano passado até dezembro do ano que vem.

Hoje — segundo os analistas internacionais —, ao contrário do Brasil, as coisas estão-se normalizando no México, havendo razoáveis possibilidades de que o país tenha garantido os três ou quatro anos de desafogo, com relação aos credores externos, que seriam suficientes para a reorganização de sua economia.

Como foi feito

Os bancos estrangeiros não tinham precedentes, para saber como agir, diante da decisão do México de renegociar sua dívida. Assim, para evitar a decretação de um default, o México pediu aos bancos sucessivas renovações, por 90 dias, do adiamento do pagamento da dívida principal.

Foi instituído um câmbio duplo e estatizado o sistema financeiro. Houve ajuda imediata do governo norte-americano, mas as negociações, propriamente ditas, só começaram no dia 2 de dezembro, um dia após a posse do novo governo.

O governo mexicano não teve nenhum problema em proclamar ao mundo a grandiosa extensão de seu rombo de caixa. E pediu aos credores a renegociação do prazo de pagamento da dívida do setor público — 20 bilhões de dólares, que venceriam entre agosto de 1982 e dezembro de 1983 — e também das amortizações da dívida do setor

privado — calculada em 14 bilhões de dólares.

Apenas a prorrogação do prazo para o pagamento do principal da dívida mexicana seria suficiente para resolver o problema. Por isso, os mexicanos, ao sentarem-se à frente de uma comissão de banqueiros, representando 527 bancos, tinham um ambicioso programa montado, envolvendo a solicitação de 5 bilhões de dólares em dinheiro novo ao sistema financeiro internacional e mais 3,4 bilhões de crédito do Fundo Monetário Internacional.

O crédito obtido foi generoso: além dessa soma — um recorde — o Banco de Pagamentos Internacionais (BIS) concordou em emprestar mais 3,8 bilhões de dólares, que vieram somar-se aos 2,5 bilhões de dólares já garantidos para este em créditos de governo a governo e mais 1 bilhão de empréstimos do Banco Mundial e do ID.

Um dos itens mais importantes desse pacote de renegociação diz respeito aos termos em que o México conseguiu reestruturar a dívida externa do setor público: os 20 bilhões do principal serão pagos em oito anos, com quatro de carência, juros de 1,875% sobre a Libor taxa preferencial do mercado europeu) e 1,5% sobre a prime rate (taxa preferencial dos EUA). E o prazo já dilatado de quatro anos de carência acabou, na verdade, transformando-se em cinco, pois a suspensão dos pagamentos começou em agosto do ano passado e as negociações só terminaram este mês.

E foi só também no mês passado que começou a resolver-se o caso do pagamento da dívida do setor privado, que já não paga juros desde fevereiro deste ano. O México assinou um acordo com 26 países (a maioria europeia), que aceitaram dar um novo prazo de seis anos para os empréstimos, totalizando 2 bilhões de dólares, que tinham a garantia de seus governos.

Mas ainda há a resolver o problema dos

débitos restantes, atualmente recalculados em 15 bilhões de dólares — uma questão delicada, uma vez que, ao contrário do Brasil, o governo do México não tinha, até o ano passado, nenhum controle sobre o processo de endividamento das empresas e também não dava nenhuma garantia de pagamento, em caso de inadimplência de uma delas.

Saneando a economia

Se o México pode ser descrito como autor da maior, pior e mais explosiva moratória da história financeira moderna, isto não quer dizer que o país não esteja saneando rapidamente a sua economia, o que foi possível a partir da decretação da moratória.

Prova mais clara desse saneamento está no fato de o México ter-se dado ao luxo de tranqüilamente, adiar o recebimento de 1,1 bilhão de dólares, posto à sua disposição desde meados de maio último, por um consórcio de bancos internacionais — segunda parte do empréstimo global negociado em março com os credores e que inclui 3,6 bilhões de dólares do FMI.

O México, simplesmente, não está precisando do dinheiro agora e aproveitando sua folga de caixa, economiza no pagamento de juros. Além disso, a inflação, que foi de 99% em 1982, está sendo controlada: em junho último, por exemplo, a taxa foi de 3,8%, a mais baixa dos últimos 13 meses, estado previsto, para 1983, um índice em torno de 70%.

O crônico déficit em contas correntes foi transformado, nos primeiros quatro meses deste ano, num superávit de 1,6 bilhão de dólares. A balança comercial, principalmente impulsionada pelas exportações do petróleo, está tendo resultados espetaculares. Apenas entre janeiro e maio de 83, o saldo atingiu 6,8 bilhões de dólares, mais do que a meta brasileira para todo este ano.